

*Ivory Black (fábula como um poema em expansão) – texto de Fabio Cypriano - 2018*

Há uma série de tensões constantes em *Ivory Black (fábula como um poema em expansão)*, concebida e performada por Fabiola Salles Mariano. O uso da representação como condutor narrativo em contraste com a abstração como momento de distensão é uma dessas polarizações exploradas pela artista.

O ápice da representação ocorre quando é projetado no fundo do palco um filme de dezenas de elefantes em disparada, que parecem fugir de um perigo iminente, enquanto Fabiola carrega de um lado para outro do espaço cênico presas de marfins, feitas na verdade em gesso.

Nessa cena se materializa uma das questões essenciais levantadas pela peça, que é o uso do marfim para a preparação do Ivory Black, um pigmento preto nobre na história da arte, usado já em murais do Império Romano até pinturas do barroco Rembrandt ou dos modernistas Picasso e Renoir.

Com os riscos da extinção de animais, o marfim hoje não é mais utilizado para esse objetivo, mas a simples constatação de seu uso aponta a práticas questionáveis, que brutalizam a sofisticação das pinturas construídas com tal material.

Essa é outra tensão importante na peça: a revelação da violência através da delicadeza. Ou da delicadeza construída a partir de uma violência normalizada.

Na maior parte do tempo, a gestualidade de Fabiola é contida, sem excessos, assim como a trilha de Ricardo Barros, que toca ao vivo sua composição. E essa gestualidade ganha dimensão quando se afasta da representação e se torna abstrata, puro movimento. Porque ganha dimensão? Porque algumas vezes essa gestualidade beira a mímica ao simular ações como entregar um objeto. Será que o movimento precisa alcançar tal grau de verossimilhança? Muito provavelmente isso ocorre propositadamente na primeira das cinco partes que compõem o espetáculo chamada “tableaux vivants”, que significa a representação ao vivo de uma cena de uma pintura. No caso, Fabiola reencenaria

pinturas e gravuras de Rembrandt, que estão no folheto distribuído antes do início da ação.

No entanto, o movimento ganha impacto de fato quando ele deixa o campo da simulação e se torna real, seja em um simples caminhar, seja no carregar dos falsos marfins, mas com maior intensidade quando Fabiola pega com as mãos o pigmento preto e o espalha por uma tela no chão, lembrando as pinturas que Yves Klein produzia usando o corpo de mulheres como pincel nos anos 1960.

É no campo do funcional, então, que a ação se potencializa, para apontar para a violência \_ pela velocidade do gesto, pela repetição \_ na construção da “pintura”. Parte da contundência da performance nos anos 1970 vem justamente de se afastar da representação para afirmar a experiência. Passados quase 50 anos, essa radicalidade tem sido diluída na cena atual, e encenação ganha espaço na performance, como ocorre em *Ivory Black*, algo que merece reflexão.

*Ivory Black*, contudo, não se apresenta como performance, mas “Poema em expansão”, conceito criado pela própria Fabiola e usado no nome do espetáculo, tornando-se assim uma estratégia para expandir definições rígidas e historicizadas. Na peça, isso ocorre quando para além da movimentação da artista, a música também é produzida no palco, há projeção de poemas no espaço, quando o cenário é composto por telas criadas por ela em colaboração com Tiago Lisboa: duas monocromáticas \_uma branca e outra preta \_ e outra que lembra uma pintura construtiva, uma imagem que parece estranha no contexto da peça, sem, no entanto, isso representar um problema.

Assim, há uma espécie de desdobramento do corpo de Fabiola em vários outros elementos e suportes, todos colaborando para que a narrativa seja construída em fragmentos que se sobrepõem.

“Poema em expansão” não seria, portanto, apenas movimento, apenas encenação, apenas improvisação, mas um conjugado de situações que prendem o espectador em um labirinto reflexivo. Esse empenho, então, sintoniza-se com um mundo que demanda pela

desaceleração. Não por acaso, no dia que assisti, a audiência aplaudiu e parecia não querer sair da sala. Foi preciso que Fabiola repetisse, duas vezes: “acabou”.